

A IMPORTÂNCIA DA PSICOMOTRICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Andréia Beatriz da Silva*

Patrícia Ferreira Bianchini Borges**

INTRODUÇÃO

O processo de aprendizagem é um processo complexo que envolve sistemas e habilidades diversas, inclusive as motoras. Na maioria das crianças que passam por dificuldades de aprendizagem, a causa do problema não está localizado no período escolar em que se encontram no nível das bases, ou seja, nas estruturas de desenvolvimento. Assim sendo, é imprescindível que a criança, durante o período pré-escolar, antes de iniciar a sistematização do processo de alfabetização, adquira determinados conceitos que irão permitir e facilitar a aprendizagem da leitura e da escrita. Esses conceitos ou habilidades básicas são condições mínimas necessárias para uma boa aprendizagem, e constituem a estrutura da educação psicomotora.

O desenvolvimento psicomotor requer o auxílio constante do professor através da estimulação; portanto não é um trabalho exclusivo do professor de Educação Física, e sim de todos profissionais envolvidos no processo ensino-aprendizagem. Na Educação Infantil, a função primordial do professor não é alfabetizar, devendo também estimular as funções psicomotoras necessárias ao aprendizado formal.

Os principais aspectos a serem destacados são: esquema corporal, lateralidade, organização espacial e estruturação temporal. Além desses aspectos citados, é importante trabalhar as percepções e atividades pré-escritas.

* Professora da Educação Infantil na Rede Pública Municipal de Uberaba (MG), graduada em Pedagogia pelo Centro de Ensino Superior de Uberaba (CESUBE).

** Assistente de Alunos do Centro Federal de Educação Tecnológica de Uberaba (CEFET-Uberaba), graduada em Letras pela Universidade de Uberaba (UNIUBE) e especialista em Estudos Lingüísticos: Fundamentos para o Ensino e Pesquisa pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Um esquema corporal mal constituído resultará em uma criança que não coordena bem seus movimentos, veste-se ou despe-se com lentidão, as habilidades manuais lhe são difíceis, a caligrafia é feia, sua leitura é inexpressiva, não harmoniosa. (MORAIS, 2002)

Quando a lateralidade de uma criança não está bem estabelecida, a mesma demonstra problemas de ordem espacial, não percebe a diferença entre seu lado dominante e o outro, não aprende a utilizar corretamente os termos direita e esquerda, apresenta dificuldade em seguir a direção gráfica da leitura e da escrita, não consegue reconhecer a ordem em um quadro, entre outros transtornos. (MORAIS, 2002)

Problemas na organização espacial acarretarão dificuldades em distinguir letras que se diferem por pequenos detalhes, como “b” com “p”, “n” com “u”, “12” com “21” (direita e esquerda, para cima e para baixo, antes e depois), tromba constantemente nos objetos, não organiza bem seus materiais de uso pessoal nem seu caderno; não respeita margens nem escreve adequadamente sobre as linhas.

Uma criança com a estruturação temporal pouco desenvolvida pode não perceber intervalos de tempo, não percebe o antes e o depois, não prevê o tempo que gastará para realizar uma atividade, demorando muito tempo nela e deixando, portanto, de realizar outras.

Esses são alguns aspectos que se podem observar em crianças que não desenvolveram adequadamente suas habilidades psicomotoras. Verifica-se a necessidade de estimulá-la adequadamente desde a mais tenra idade, tendo sempre claros, os objetivos a serem alcançados e os objetivos das atividades propostas; o relacionamento afetivo professor/aluno, o jogo prazeroso e a elevação da auto-estima são também aspectos de extrema relevância.

Partindo da concepção que a psicomotricidade na Educação Infantil é importante, devemos valorizá-la e trabalhar com as crianças no sentido de efetivar o seu verdadeiro significado.

De acordo com Quirós (1992, apud ELMAN; BARTH; UNCHALO, 1992, p.12) “a motricidade é a faculdade de realizar movimentos e a psicomotricidade é a educação de movimentos que procura melhor utilização das capacidades psíquicas”.

Dessa forma, entende-se que a motricidade e a psicomotricidade são interligadas e ambas desenvolvem os movimentos físicos e mentais, procurando educar o próprio

corpo, sendo a psicomotricidade uma ação em que se desenvolvem todas as áreas do conhecimento.

Na busca de concepções que fundamentem este trabalho, podemos destacar as seguintes colocações:

Compreendendo a sua importância para o desenvolvimento, o movimento humano, portando é mais do que simples deslocamento do corpo; no espaço. Constitui-se em uma linguagem que permite as crianças agirem sobre o meio físico e atuarem sobre o ambiente humano, mobilizando as pessoas por meio de seu teor expressivo. (BRASIL, 1998, p. 5)

Assim sendo, percebe-se que a psicomotricidade é uma ciência fundamental no desenvolvimento da criança, em que a mesma deve ser estimulada sempre para que se possa ter uma formação integral, uma vez que o movimento para a criança significa muito mais que mexer com o corpo: é uma forma de expressão e socialização de idéias, ou até mesmo a oportunidade de desabafar, de soltar as suas emoções, vivenciar sensações e descobrir o mundo.

Para Quirós (1992, apud ELMAN; BARTH; UNCHALO, 1992, p.12),

Nos movimentos serão expressos sentimentos de prazer, frustração, desagrado, euforia, como dimensão de um estado emocional, reconstruindo, assim, uma memória afetiva desde os gestos iniciais da criança, na medida em que melhor o indivíduo domina seu corpo e sentimentos. Gradativamente ele irá conduzir-se com mais segurança no seu meio ambiente, e desta forma movimentar-se adequadamente dentro de todo um processo educativo.

Nesse sentido, o desenvolvimento psicomotor torna-se muito importante na vida da criança porque, partindo da descoberta que ela faz do seu corpo, dos movimentos e de tudo que está ao seu redor, consegue conquistar e organizar seu espaço, desenvolver sua percepção auditiva e suas emoções, aprendendo aos poucos a coordená-las. (PONCHIELLI, 2003)

Segundo Conceição (1984, apud MORAIS, 2002, p. 2),

compreende-se desenvolvimento como a interação existente entre o pensamento consciente ou não, e o movimento efetuado pelos músculos com ajuda do sistema nervoso. [...] Os músculos trabalham juntos na educação psicomotora do indivíduo, fazendo com que ele evolua.

Com base nesses autores, podemos afirmar que, para alcançarmos um bom desenvolvimento psicomotor da criança as atividades precisam ser bem elaboradas e executadas de maneira a proporcionar-lhe prazer ao realizá-las.

Nessa perspectiva, faz-se necessário a presença de um especialista em Educação Física que realize um trabalho conjunto com o professor que atua na sala de aula, durante a permanência do aluno na escola. A Psicomotricidade nada mais é que se relacionar através da ação, como um meio de tomada de consciência que une o ser corpo, a mente e o espírito. A Psicomotricidade está associada à afetividade e à personalidade, já que o indivíduo utiliza seu corpo para demonstrar o que sente. (LIMA; BARBOSA, 2007)

1 CONCEITUANDO A PSICOMOTRICIDADE

Ernest Dupré, em 1907, introduziu a psicomotricidade no contexto científico, enunciando a lei que surgiu do seu trabalho. Em 1909, surgiu o termo psicomotricidade, quando Dupré introduziu os primeiros estudos sobre a debilidade motora nos débeis mentais. (SABOYA, 1995)

Para Negrine (1995), a psicomotricidade origina-se do termo *psyché*, que significa alma, e do verbo latino *moto*, que significa agitar fortemente.

Sobre o conceito de psicomotricidade, Otoni (2007, p. 1) fala que:

A Sociedade Brasileira de Psicomotricidade a conceitua como sendo uma ciência que estuda o homem através do seu movimento nas diversas relações, tendo como objeto de estudo o corpo e a sua expressão dinâmica. A Psicomotricidade se dá a partir da articulação movimento/corpo/ relação. Diante do somatório de forças que atuam no corpo - choros, medos, alegrias, tristezas, etc. - a criança estrutura suas marcas, buscando qualificar seus afetos e elaborar as suas idéias. Constituindo-se como pessoa.

Diversos autores apresentaram conceitos relacionados a psicomotricidade. De acordo com Vayer (1986), a educação psicomotora é uma ação pedagógica e psicológica que utiliza os meios da educação física com o fim de normalizar ou melhorar o comportamento da criança. Segundo Coste (1978), é a ciência encruzilhada, na qual se cruzam e se encontram múltiplos pontos de vista biológicos, psicológicos, psicanalíticos, sociológicos e lingüísticos.

Saboya (1995) define a psicomotricidade como uma ciência que tem por objetivo o estudo do homem, através do seu corpo em movimento, nas relações com seu mundo interno e seu mundo externo. Para Ajuriaguerra (1970), é a ciência do pensamento através do corpo preciso, econômico e harmonioso. Já Barreto (2000) afirma que é a integração do indivíduo, utilizando, para isso, o movimento e levando em consideração os aspectos relacionais ou afetivos, cognitivos e motrizes. É a educação pelo movimento consciente, visando melhorar a eficiência e diminuir o gasto energético.

A psicomotricidade é atualmente concebida como a integração superior da motricidade, produto de uma relação inteligível entre a criança e o meio. (LIMA; BARBOSA, 2007).

A Psicomotricidade contribui de maneira expressiva para a formação e estruturação do esquema corporal e tem como objetivo principal incentivar a prática do movimento em todas as etapas da vida de uma criança. Por meio das atividades, as crianças, além de se divertirem, criam, interpretam e se relacionam com o mundo em que vivem. Por isso, cada vez mais os educadores recomendam que os jogos e as brincadeiras ocupem um lugar de destaque no programa escolar desde a Educação Infantil. (LIMA; BARBOSA, 2007)

Segundo Barreto (2000, p. 1), “O desenvolvimento psicomotor é de suma importância na prevenção de problemas da aprendizagem e na reeducação do tônus, da postura, da direcionalidade, da lateralidade e do ritmo”.

A abordagem da Psicomotricidade permite a compreensão da forma como a criança toma consciência do seu corpo e das possibilidades de se expressar por meio dele. A educação psicomotora, para ser trabalhada, necessita que sejam utilizadas as funções motoras, perceptivas, cognitivas, afetivas e sócio-motoras, pois assim a criança explora o ambiente, realiza experiências concretas e é capaz de tomar consciência de si mesma e do mundo que a cerca. (LIMA; BARBOSA, 2007)

1.1 OUTROS CONCEITOS RELACIONADOS À PSICOMOTRICIDADE

O conceito de corpo não pode ser ensinado, por isso quando a criança consegue desenhar o seu próprio corpo é por que ela já o tem internalizado, ou seja, ela já possui uma imagem mental dele, que é criada na medida em que brinca, explora e usa o seu corpo. (LIMA, 2006)

Para Oliveira (1992, p. 47), "... a criança tem uma representação gráfica da imagem de si. Podemos inferir esta imagem através de seu desenho de figura humana".

Assim, o esquema corporal é a noção de corpo que a criança tem do seu próprio corpo, é a representação de suas experiências, é a consciência global do corpo, à medida que se desenvolve a criança chega a ter a consciência corporal atingindo o adequado controle, manejo e conhecimento de suas partes nomeando-as e reconhecendo suas funções, já a imagem corporal é subjetiva, é simbólica. (LIMA, 2006)

Quando desenha uma figura humana a criança o faz do modo como ela o concebe, do modo como ela o percebe. Para ser interpretado, o desenho de uma criança deve ser analisado não na sua imagem desenhada, mas sim no modo como é revelado pelo diálogo analítico com a criança.

Oliveira (1992, p. 58), citando Lê Boulch diz que o esquema corporal passa por três fases distintas, a saber:

- **Corpo Vivido:** corresponde à fase sensório-motora de Piaget, começa nos primeiros meses de vida, nela o bebê ainda não tem noção do "eu", confundindo-se com o meio e seus movimentos são atividades motoras que não são pensadas para serem executadas.
- **Corpo percebido:** corresponde ao período pré-operatório de Piaget, começa por volta dos dois anos quando a criança passa a perceber-se, e tem-se o início da tomada de consciência do "eu". Diferencia-se do meio, organizando o espaço levando em conta o seu próprio corpo, começa assim a construir uma imagem mental dele. Os conceitos espaciais como perto, longe, em cima ou embaixo começam a ser discriminados; as noções temporais relativas à duração, ordem e sucessão de eventos são compreendidas.
- **Corpo representado:** corresponde ao período operatório de Piaget. Começa aproximadamente aos sete anos quando a criança já tem noção do todo e das partes de seu corpo, assumindo e controlando seus movimentos com autonomia e independência. No final dessa fase, a criança já tem uma imagem de corpo operatória, usando-o para efetuar e programar mentalmente ações e orientando-se por pontos de referência que podem ser escolhidos.

Outro conceito que se relaciona a psicomotricidade é a lateralidade. Este conceito traduz-se pelo estabelecimento da dominância lateral da mão, olho e pé, do mesmo lado do corpo (REZENDE; GORLA; ARAÚJO; CARMINATO, 2003).

Entende-se por lateralidade, portanto, o uso preferencial de um dos lados do corpo ao nível dos olhos, mãos e pés ao se realizar as atividades. Esse lado dominante apresenta mais força muscular, precisão e rapidez que o lado não dominante.

Rezende; Gorla; Araújo; Carminato (2003, p. 6) afirmam que,

[...] geralmente acontece a confusão da lateralidade com a noção de direita e esquerda, que esta envolvida com o esquema corporal. A criança pode ter a lateralidade adquirida, mas não saber qual é o seu lado direito e esquerdo, ou vice-versa. No entanto, todos os fatores estão intimamente ligados, e quando a lateralidade não está bem definida, é comum ocorrerem problemas na orientação espacial, dificuldade na discriminação e na diferenciação entre os lados do corpo e incapacidade de seguir a direção gráfica.

A estruturação espaço-temporal decorre como organização funcional da lateralidade e da noção corporal, uma vez que é necessário desenvolver a conscientização espacial interna do corpo antes de projetar o referencial somatognóstico no espaço exterior (FONSECA, 1995).

Esse fator emerge das múltiplas relações integradas da tonicidade, do equilíbrio, da lateralidade e do esquema corporal. A estruturação espacial leva à tomada de consciência pela criança, da situação de seu próprio corpo em um determinado meio ambiente, conscientizando-se do lugar que ocupa no espaço bem como sua relação com outras pessoas e coisas. (REZENDE; GORLA; ARAÚJO; CARMINATO, 2003)

A estruturação espacial não nasce com a criança, é uma construção mental, uma elaboração, iniciando-se com a relação afetiva entre mãe e filho. A criança que possui as noções de imagem corporal bem desenvolvidas consegue perceber a posição que os objetos ocupam, usando seu corpo como ponto de referência. Para assimilar os conceitos espaciais a criança necessita ter uma lateralidade bem definida.

Sobre a estruturação temporal, podemos dizer que, as noções de corpo, espaço e tempo estão intimamente ligadas. Essa noção é muito importante para a criança aprender a ler, pois necessita ter domínio do ritmo, uma sucessão de sons no tempo, uma memória auditiva, uma diferenciação de sons, um reconhecimento das frequências e das durações

dos sons das palavras. Será a orientação temporal que proporcionará à criança a capacidade de se localizar em acontecimentos passados e se projetar no futuro. É, também, importante a criança ter domínio das noções sociais do tempo (horas, mês, estações etc.).

Para Fonseca (1995, apud CEZAR; PEREIRA; ESTEVES, 2008, p. 2),

um objeto situado à determinada distância e direção é percebido porque as experiências anteriores da criança levam-na a analisar as percepções visuais que lhe permitem tocar o objeto. É dessas percepções que resultam as noções de distância e orientação de um objeto com relação a outro, a partir das quais as crianças começam a transpor as noções gerais a um plano mais reduzido, que será de extrema importância quando na fase do grafismo.

1. 2 A IMPORTÂNCIA DO DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR PARA AS APRENDIZAGENS ESCOLARES

De acordo com Negrine (1980), os exercícios psicomotores são uma das aprendizagens escolares básicas porque são determinantes para a aprendizagem da escrita e da leitura.

Estudos mostram que muitas das dificuldades em escrita podem ser prevenidas por meio de atividades motoras, assim sendo podemos afirmar que, por meio de jogos podemos contribuir na melhora do desempenho em escrita nas séries iniciais da alfabetização. Os exercícios psicomotores devem ser uma das aprendizagens escolares básicas, pois são determinantes na aprendizagem da escrita. Isso significa que o jogo e o brinquedo atuam na prevenção das dificuldades advindas do desenvolvimento inadequado do corpo, sendo, portanto, um valioso instrumento nas escolas quando adaptado às fases do desenvolvimento infantil.

Dentre os estudos que tratam da importância do desenvolvimento psicomotor para as aprendizagens escolares, citamos o de Petry (1988) que reafirma essa importância ressaltando que as dificuldades de aprendizagem em crianças de inteligência mediana podem se manifestar quanto à caracterização de letras simétricas pela inversão do “sentido direita-esquerda”, como, por exemplo, d, b, p, q ou por inversão do “sentido em cima em baixo”, d, p, n, u, ou, ainda, por inversão das letras ora, aro.

Para Negrine (1980, p. 61), as dificuldades de aprendizagem vivenciadas pelas crianças “são decorrentes de um todo vivido com seu próprio corpo, e não apenas problemas específicos de aprendizagem de leitura, escrita etc.”.

Para Ajuriaguerra (1988, apud CEZAR; PEREIRA; ESTEVES, 2008, p. 2),

a escrita é uma atividade que obedece a exigências precisas de estruturação espacial, pois a criança deve compor sinais orientados e reunidos de acordo com normas, a sucessão faz destes sinais palavras e frases, tornando a escrita uma atividade espaço-temporal.

Fonseca (1983, apud CEZAR; PEREIRA; ESTEVES, 2008, p. 2) afirma que,

na aprendizagem da leitura e da escrita a criança deverá obedecer ao tempo de sucessão das letras, dos sons e das palavras, fato este que destaca a influência da estruturação temporal para a adaptação escolar e para a aprendizagem.

Segundo Tomazinho (2002), a pré-escola necessita priorizar, não só atividades intelectuais e pedagógicas, mas também atividades que propiciem seu desenvolvimento pleno. De acordo com Oliveira (1996, p. 182), a psicomotricidade contribui para o processo de alfabetização à medida que proporciona à criança as condições necessárias para um bom desempenho escolar através da livre expressão e “[...] deve começar antes mesmo que a criança pegue um lápis na mão [...]”.

A escrita pressupõe, portanto, um desenvolvimento motor adequado, e habilidades como a espacial e a temporal são essenciais para que essa atividade ocorra de maneira satisfatória. De acordo com Ajuriaguerra (1988), além das habilidades cognitivas, as habilidades psicomotoras, são essenciais para o ato de escrever, pois ele está impregnado pela ação motora de traçar corretamente cada letra e constituir a palavra.

2 VIVENCIANDO A IMPORTÂNCIA DA PSICOMOTRICIDADE PARA AS APRENDIZAGENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ciente de que nós, educadores que atuamos na área de Educação Infantil e demais séries iniciais, somos responsáveis pela formação básica de nossas crianças, decidi investigar como se dá o processo de construção de conhecimentos de uma criança na Educação Infantil e de que forma o trabalho com a psicomotricidade interfere e/ou auxilia nesse processo de construção.

Essa pesquisa foi, portanto, baseada na observação e estudo de crianças de quatro e cinco anos que foram minhas alunas no Pré I, no ano de dois mil e sete (2007). A sala era heterogênea e a maioria das crianças não conhecia o próprio nome e nem a primeira letra dele. Comecei, então, a trabalhar conceitos como autonomia e identidade para que eles se familiarizassem, se conhecessem e fossem construindo aos poucos esses conhecimentos.

A princípio, comecei investigando o nome do pai, da mãe, pedi que representassem a suas famílias por meio de desenhos para constatar como concebiam o próprio esquema corporal. Aqueles que conseguiam registrar o próprio nome o fizeram também.

Para ilustrar, temos abaixo uma imagem de uma das atividades realizadas em sala de aula com os alunos. Percebemos que a criança representa somente a cabeça, que tem apenas os olhos, e os membros inferiores em seu desenho, fato que demonstrar que seu esquema corporal ainda está em processo de construção e que devíamos intervir para ajudá-lo nesse processo.



Figura 1. Desenho representativo do esquema corporal do aluno Vicente no início do ano.

Posteriormente, associamos a letra inicial de cada um a algum objeto, agrupamos os nomes das crianças que começavam com a mesma letra e assim sucessivamente.

Procurava aproveitar sempre nossa “roda de conversa” para dialogar sobre eles e seus familiares e em nossas brincadeiras procurei levá-los a se conscientizarem de que eram formados por um corpo dividido em partes e depois de alguns meses trabalhando esses conceitos pude perceber, comparando as atividades realizadas no início do ano

com as realizadas no final de 2007, que mesmo as crianças que representavam sua imagem corporal de forma rudimentar haviam evoluído a forma de representá-lo.

Realizei meu trabalho com base em autores como Mattos e Neira (1999) que propõem atividades que propiciem à criança o conhecimento da nomenclatura, localização e conhecimento das diferentes partes do corpo em si e no outro; exploração das diferentes posições do corpo, como de pé, deitada, sentada, inclinada, na posição de bípede, etc.; o conhecimento dos tipos e as fases da respiração e o relaxamento global e das partes que não estão sendo solicitadas em determinadas atividades.

Rosa e Nisio (2002), também propõem que a estimulação do Esquema Corporal torna o corpo da criança como um ponto de referência básico para a aprendizagem de todos os conceitos indispensáveis à alfabetização (noções de em cima, em baixo, na frente, atrás, esquerdo, direito), assim como permite também seu equilíbrio corporal e dominar seus impulsos motores, que se não forem bem trabalhados, traduzem-se em dificuldades como a falta de controle de alguns segmentos corporais, descoordenação e lentidão.

Durante todo o ano letivo, direcionamos atividades para o desenvolvimento do conceito de esquema corporal dentre elas:

- Jogos de imitação;
- Estátua;
- Cantar músicas que falassem sobre as partes do corpo;
- Apontar as partes do corpo em si mesmo e no corpo do colega;
- Juntar as partes de um boneco desmontável (quebra-cabeça);
- Desenhar uma figura humana no quadro, parte por parte.
- Deitar no chão e desenhar o contorno do corpo de uma das crianças, depois completar suas partes;
- Explorar o próprio corpo com as mãos, de olhos abertos e fechados, depois representá-lo utilizando vários materiais como: guache, espuma, gel, farinha;
- Releituras de obras artísticas que privilegiassem o corpo humano;
- Completar o desenho de uma figura humana com o que estiver faltando etc.

Ao final do ano, constatamos a evolução do traçado e a riqueza de detalhes que aparece na figura 2. O corpo agora é formado por uma cabeça com olhos e boca, os membros superiores aparecem e a criança consegue escrever seu nome.



Figura 2. Desenho representativo do esquema corporal do aluno Vicente, no final do ano.

Distribuí fichas com o nome de cada criança, todos os dias, para eles observarem, pedindo depois que tentassem escrever o nome que estava na ficha, utilizando giz de cera. Como todo começo, esse também não foi fácil, pois algumas crianças não tinham firmeza nas mãos ao pegar ou segurar o giz de cera. Trabalhei, diariamente, o registro utilizando o giz, indo sempre de mesa em mesa, estimulando-as a segurar o giz de forma correta, a desenharem corretamente cada letra, a fazerem uma margem que delimitasse o espaço a ser utilizado na folha, a desenvolver o sentido esquerda-direita da escrita, melhorando assim a coordenação motora fina de cada um.

A figura 3 mostra a tentativa de escrita do próprio nome, feita pela aluna Jéssica, no início do ano de 2007. Nela podemos perceber a dificuldade no traçado gráfico das letras, a dificuldade em perceber o número de letras necessário para escrever o próprio nome, além de percebermos que a lateralidade dela ainda não estava desenvolvida, pois a letra "J" inicial de seu nome foi traçada de forma espelhada, ou seja, ficou virada para o lado contrário.



Figura 3. Tentativa de escrita do próprio nome, feita pela aluna Jéssica, no início do ano.

Com sabemos, o próprio nome é a primeira estrutura significativa para a criança, e por isso, ao desenvolver as atividades diárias, sempre lhes pedia que escrevessem o seu nome.



Figura 4. Escrita do próprio nome, feita pela aluna Jéssica, no final do ano.

Algumas crianças sentiam muitas dificuldades, pois ainda não tinham estruturada a noção de esquema corporal, lateralidade, estruturação espacial, e necessitavam trabalhar melhor a coordenação motora fina, habilidades essenciais para se chegar à pré-escrita.

Aos poucos, passei também a pedir-lhes para registrarem na folha chamex, que distribuía durante as aulas, uma margem na qual delimitavam seus espaços e tentavam escrever seus nomes. Na figura 5, podemos observar outra produção escrita de mais uma criança, nela percebemos a omissão de uma letra “N”, a dificuldade no traçado gráfico das letras “E”, e a outra letra “N” invertida.



Figura 5. Tentativa de escrita do próprio nome, feita pela aluna Jenniffer, no início do ano.

A princípio, notei que algumas crianças trocavam as letras ou colocavam-nas de cabeça para baixo, assim percebi que precisaria trabalhar a lateralidade e conceitos topológicos com eles como: em cima, em baixo e de lado, trabalhando a psicomotricidade.

Depois de algum tempo, insistindo na escrita do nome, percebemos que a aluna consegue traçá-lo com mais segurança e clareza, sem omissão de letras e sem escrita espelhada.

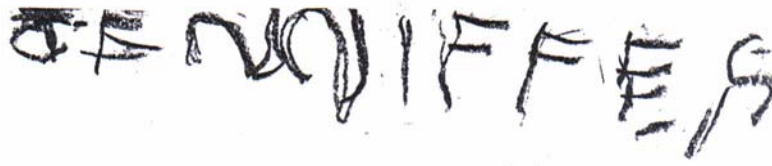


Figura 6. Escrita do próprio nome, feita pela aluna Jenniffer, no final do ano.

Na figura 6, temos outro exemplo de tentativa de escrita, realizada pela aluna Laysa. Nela, podemos observar que a aluna não traçou toda a margem na página, omitiu as letras “Y” e “S”, inverteu a ordem das letras “L” e “A”, além de escrevê-las de cabeça para baixo.

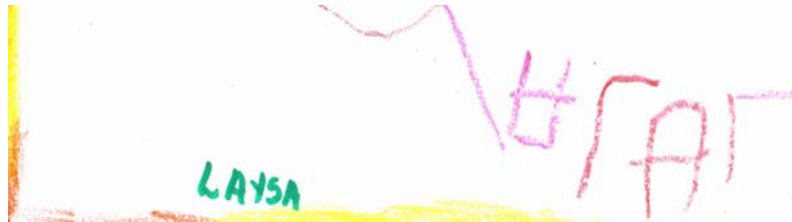


Figura 7. Tentativa de escrita do próprio nome, feita pela aluna Laysa, no início do ano.

Realizei várias atividades durante o ano com desafios, envolvendo a coordenação motora fina, lateralidade e a noção espacial no intuito de desenvolver a capacidade de representação escrita do nome. Dentre essas atividades, podemos citar:

- Jogo do alinhavo;
- Circuitos em forma de círculos ou outras formas geométricas, marcados com fita crepe ou giz branco no chão, para as crianças perceberem a delimitação do espaço;
- Circuitos mais complexos, utilizando pneus, bastões, caixas, escadas, cordas, garrafas e quaisquer outros materiais disponíveis na escola;
- Desenho de linhas curvas no chão para testar a sua rapidez; delimitando caminhos com fita crepe, por onde teriam que passar sem sair fora e posteriormente, uma linha, onde teriam que passar em cima sem escorregar;
- Batata quente, na qual a criança passava o objeto que tinha nas mãos, trabalhando não só a lateralidade como também a atenção, através da musicalização;

- Cantava músicas, como a das vogais, com as crianças que aos poucos foram assimilando os conteúdos trabalhados. Ao escrever o nome como, por exemplo, a letra A, eu falava para eles era o chapéu do vovô com um traço no meio etc.

Após esse trabalho, constatei o avanço da aluna Laysa, conforme podemos observar na figura 8, embora ainda demonstrasse dificuldades com a lateralidade, pois escreveu a letra “S” invertida não houve omissão de letras, nem letras de cabeça para baixo.



Figura 8. Escrita do próprio nome, feita pela aluna Laysa, no final do ano.

Com esse trabalho, percebi o quanto estava sendo importante estimular os movimentos, explorando os grandes e pequenos músculos. Já no início da alfabetização, a criança começa a manusear o lápis e para isso é preciso saber a direção e o limite espacial da folha, saber escrever o próprio nome em seqüência correta. Por isso, tive muito cuidado ao elaborar meu planejamento, procurando envolver as crianças, através de estímulos em atividades interdisciplinares, enfocando principalmente o movimento, no qual elas tiveram oportunidade de explorarem todo o seu corpo.

Outras atividades foram realizadas para complementar esse processo de construção de aprendizagens:

- Modelagem de massinhas para as crianças construírem o seu nome;
- Atividades de pesquisa e recorte de letras que formavam o nome de cada um em revistas e jornais;
- Trabalho com a ordem alfabética a partir dos nomes dos alunos;
- Análise não-silábica dos nomes das crianças, observando: quantas letras compõem o nome de cada um; quantas vogais e quantas consoantes têm cada nome; quais as letras que se repetem nos nomes de cada um; quais as letras

comuns nos nomes das crianças, que outras palavras ou nomes começam com a mesma letra do nome deles;

- Jogos de memória etc.

Atividades para explorar o espaço e o esquema corporal no pátio da unidade foram muito significativas nesse trabalho, realizamos com as crianças uma série de exercícios, através de brincadeiras cantadas, nas quais elas podiam: andar diferente, andar depressa, correr, andar em trave de equilíbrio, andar para o lado direito, esquerdo, para frente e para trás, subir, descer, pular, equilibrar-se, etc. Pretendíamos, com essas atividades de psicomotricidade, que o trabalho com a alfabetização fosse facilitado, que se ativassem os esquemas mentais dos alunos levando-os a ter equilíbrio, força, resistência, coordenação. A figura 9 ilustra um esquema de circuito psicomotor realizado no pátio com as crianças.

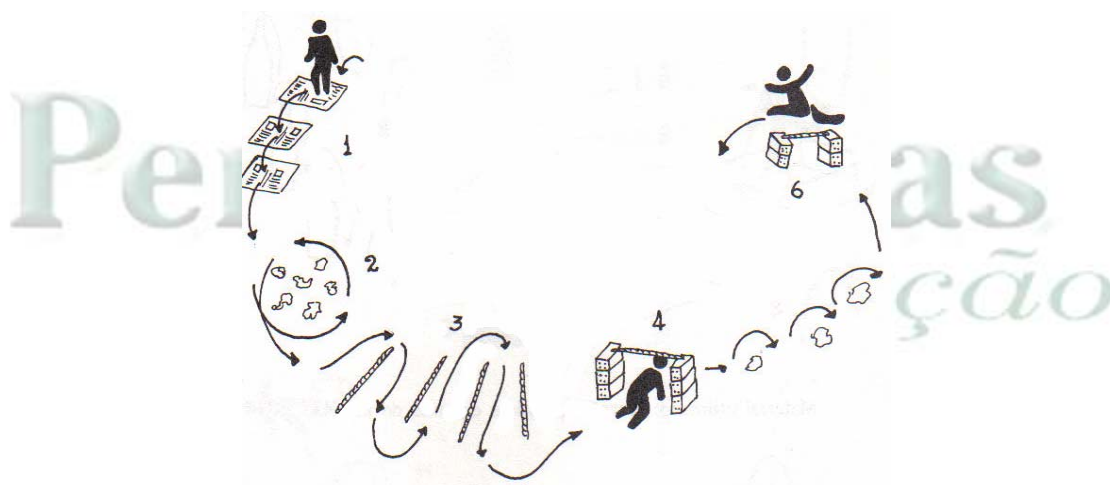


Figura 9. Exemplo de circuito psicomotor realizado no pátio com as crianças.

Conforme a Proposta Pedagógica do CEMEI no qual realizamos a pesquisa, os profissionais elaboram e executam os projetos de acordo com o centro de interesse da criança. Assim, nesse ano elaboramos um projeto para comemorarmos a semana da criança, no qual cada turma tinha liberdade de selecionar suas atividades. Na turma de 4 anos, procuramos realizar atividades variadas, envolvendo o esquema corporal, linha movimento, através de gincanas, pula-pula, cama elástica, nos quais se iam aumentando os desafios no circuito psicomotor gradativamente, a fim de possibilitar à criança trabalhar seu desenvolvimento motor.

Posteriormente, no projeto sobre a “**Água**”, exploramos com os alunos medida de capacidade integrada à psicomotricidade, da seguinte forma: inicialmente, demos a eles um copinho de café descartável, pedindo-lhes que enchessem uma garrafa pet, de água, usando o menor tempo possível, de forma que quem terminasse primeiro seria o ganhador. Com essa atividade exploramos o esquema corporal e a coordenação motora fina, preparando a criança para ter mais destreza nas mãos ao escrever e desenhar.

De acordo com Lima e Barbosa (2007, p. 2),

[...] a recreação, através de atividades afetivas e psicomotoras, constitui-se num fator de equilíbrio na vida das pessoas, expresso na interação entre o espírito e o corpo, a afetividade e a energia, o indivíduo e o grupo, promovendo a totalidade do ser humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento deste estudo, constatamos que o jogo pode ser reconhecido como um valioso instrumento de trabalho nas escolas, por isso podemos afirmar que o jogo e o brinquedo devem ser favorecidos nas instituições escolares como prevenção das dificuldades provenientes do desenvolvimento inadequado do corpo.

De acordo com Tubelo (2006), a escola deve propiciar aos educandos diversas vivências, sejam elas corporais, visuais, auditivas, para que se estimulem os sentidos para que a criança desenvolva as habilidades psicomotoras necessárias para o aprendizado, principalmente o da linguagem escrita. Segundo a autora, as brincadeiras e os jogos são importantes para que a criança possa construir significados mais adequados para o que é ensinado na escola.

Com base na fala da referida autora, pude perceber, então, que a psicomotricidade é fundamental na vida da criança desde o primeiro ano de idade, já que mesmo através dos movimentos a criança se expressa. Fato que constatamos ao trabalhar com crianças do Pré I, pois algumas crianças sentiam dificuldades em certos momentos, por não terem sido estimuladas nos anos anteriores.

Geralmente, acontecia quando distribuía lápis de cor ou giz de cera, nesses momentos percebia que algumas crianças não sabiam sequer como pegá-lo e/ou manuseá-lo. Porém, era necessário que as crianças estivessem sempre com o lápis na

mão, era um exercício contínuo, no intuito de desenvolver sua coordenação motora fina, desta forma sempre insistia nesse trabalho.

Ter as crianças como objeto de pesquisa foi gratificante para mim, pois pude aprender muito com elas, através das atividades propostas, com as brincadeiras, jogos, etc. e percebi que o amadurecimento das habilidades motoras acontecia quase imediato e o crescimento da turma evidenciou-se. Fico muito feliz hoje, quando a supervisora de minha escola elogia o rendimento da turma, fazendo comparações entre o nível em que estavam e o que agora se encontram, graças a esse trabalho sistematizado e freqüente com a psicomotricidade.

Pude, ainda, com essa pesquisa aprender mais sobre os mistérios dos movimentos do corpo que estão interligados com as demais áreas do conhecimento, como a linguagem oral, a escrita, as artes visuais, o raciocínio lógico-matemático entre outros, o que me tornou ainda mais habilitada para executar meu trabalho junto às crianças, das quais sou responsável.

Constatarei que, por mais que se fale de objetivos para serem alcançados em relação à psicomotricidade, cada pessoa tem a sua hora, a sua maturidade física e pedagógica e ela deve ser respeitada.

REFERÊNCIAS

AJURIAGUERRA, J. *A Escrita Infantil – Evolução e Dificuldades*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

_____. *Psicologia y epistemologia genéticas*. Buenos Aires: Proteo, 1970.

BARRETO, S.J. *Psicomotricidade, educação e reeducação*. 2ª ed. Blumenau: Livraria Acadêmica, 2000.

CEZAR, K.P.L.; PEREIRA, L.A.; ESTEVES, M.C.D.C., 2008. “O uso de jogos e a contribuição no desempenho da escrita nas series iniciais”. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=1016>> Acesso em: 4 abr. 2008.

COSTE, J.C. *A psicomotricidade*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

ELMAN, L.E.; BARTH, B.; UNCHALO, S. “Psicomotricidade – Aspectos ligados à construção do esquema corporal”. In: Revista do Professor. Ano VIII, nº 30, abr./jun. de 1992.

FONSECA, V. *Psicomotricidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. *Introdução às Dificuldades de Aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

_____. *Manual de Observação psicomotora: Significação psiconeurológica dos fatores psicomotores*. Porto Alegre: Artes Médicas. 1995.

LIMA, J.C.M., 2006. *Dificuldade de aprendizagem no processo de aquisição da leitura e da escrita*. Disponível em: <www.educacaonacional.com.br/.../home/educacaonacional.com.br/www/arquivos/biblioteca/2570/RNE01300.pdf> Acesso em: 5 mar. 2008.

LIMA, A.S.; BARBOSA. S.B., 2007. “Psicomotricidade na Educação Infantil – desenvolvendo capacidades”. Disponível em: <<http://pt.shvoong.com/medicine-and-health/neurology/1618291-desenvolvimento-infantil-psicomotricidade/>> Acesso em: 8 mar. 2008.

MATTOS, M.G.; NEIRA, M.G. *Educação física infantil: construindo o movimento na escola*. São Paulo: Phorte, 1999.

MORAIS, V.L., 2007. “Desenvolvimento Psicomotor”. Disponível em: <www.uniesc.com.br/esp/etext/psicomotricidade%20e%20educ%20fisica.doc> Acesso em: 13 abr. 2008.

_____. 2002. “A psicomotricidade”. Disponível em: <<http://www.psicomotricidade.com.br/apsicomotricidade.htm>> Acesso em: 24 fev. 2008.

NEGRINE, A. “A Educação Física e a Educação Psicomotriz”. In: Revista Brasileira de Educação Física e Desportos. Brasília: MEC, 44: 60-63, jan./mar. 1980.

_____. *Aprendizagem e desenvolvimento infantil: psicomotricidade, alternativas pedagógicas*. v. 3. Porto Alegre: Prodil, 1995.

OLIVEIRA, G.C. *Psicomotricidade: Um Estudo em Escolares com Dificuldades em Leitura e Escrita*. 1992. 277 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

_____. “Contribuições da psicomotricidade para a superação das dificuldades de aprendizagem”. In: SISTO, F. F. et all (org.), *Atuação psicopedagógica e aprendizagem escolar*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996, p. 175-195.

OTONI, B.B.V., 2007. “A Psicomotricidade na Educação Infantil”. Disponível em: <http://www.psicomotricidade.com.br/artigos-psicomotricidade_educacao.htm> Acesso em: 8 abr. 2008.

PETRY, R.M. *Educação Física e Alfabetização*. 3ª ed. Porto Alegre: Kuarup Ltda., 1988.

PONCHIELLI, N.L., 2003. “A perspectiva histórico-cultural sobre o desenvolvimento da criança”. Disponível em: <<http://www.utp.br/Proppe/edcient/BibliotecaVirtual/ME/Neusa%20Ponchielli/Parte%2010.pdf>> Acesso em: 8 abr. 2008.

REZENDE, J.C.G.; GORLA, J.I.; ARAÚJO, P.F.; CARMINATO, R.A., 2003. “Bateria psicomotora de Fonseca: uma análise com o portador de deficiência mental”. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd62/fonseca.htm>> Acesso em: 4 abr. 2008.

ROSA, A.P.; NISIO, J.D. *Atividades Lúdicas: sua importância na alfabetização*. Curitiba: Juruá, 2002.

SABOYA, B. *Bases psicomotoras: aspectos neuropsicomotores e relacionais no primeiro ano de vida*. Rio de Janeiro: Trainel, 1995.

TOMAZINHO, R.C.Z. *As atividades e brincadeiras corporais na pré-escola: um olhar reflexivo*. 2002. 128 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo: 2002.

VAYER, P. *A criança diante do mundo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

Perspectivas *em Educação*